

Perspectivas epistemológicas da performance ritual: a linguagem dos corpos nos processos criativos e nos processos terapêuticos

Epistemological Perspectives of Ritual Performance: The Language of Bodies in Creative and Therapeutic Processes

Perspectivas epistemológicas de la performance ritual: el lenguaje de los cuerpos en los procesos creativos y en los procesos terapéuticos

Alessandro Malpasso

Universidade Federal da Bahia

E-mail: alessandro.malpasso@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8246-8226>

José Antônio de Almeida Toluaye

Ilê Axé Ijino Ilu Oróssi

E-mail: Toluaye@msn.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-5534-8327>

Dante Augusto Galeffi

Universidade Federal da Bahia

E-mail: galeffid@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0875-2552>

RESUMO

O corpo performático cultural inspira e catalisa processos criativos nas linguagens artísticas. A pesquisa decifra suas gestualidades complexas, adotando um estudo holístico que considera elementos estéticos, bioquímicos, psíquicos e espirituais interconectados. Mergulha nas performances rituais, interpretando criativamente as manifestações

Malpasso, Alessandro; Toluaye, José Antônio de Almeida; Galeffi, Dante Augusto. **Perspectivas epistemológicas da performance ritual: a linguagem dos corpos nos processos criativos e nos processos terapêuticos.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFGM. v. 16, n. 36, jan.-abr. 2026.

ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2026.57798> >

corporais e seus impactos terapêuticos. Este artigo compreende o corpo como agente de transformação, capaz de promover processos terapêuticos integrais e renovar mentalidades pessoais. A fotografia imortaliza a essência única dos corpos nos atos das performances, ilustrando traços de comportamentos renovados, incorporando heranças e circunstâncias políticas e sociais.

Palavras-chave: *corpo; fotografia; performance; processo criativo; processo terapêutico.*

ABSTRACT

The cultural performative body inspires and catalyzes creative processes in artistic languages. The research decodes its complex gestualities, adopting a holistic study that considers aesthetic, biochemical, psychic and spiritual interrelated elements. Delves into ritual performances, creatively interpreting bodily manifestations and their therapeutic impacts. This paper includes the body as an agent of transformation, able to promote integral therapeutic processes and renew personal mentalities. Photography immortalizes the unique essence of bodies in the acts of performances, illustrating traces of renewed behavior, incorporating legacies, and political and social circumstances.

Keywords: *body; photography; performance; creative process; therapeutic process.*

RESUMEN

El cuerpo performático cultural inspira y cataliza procesos creativos en los lenguajes artísticos. La investigación descifra sus gestualidades complejas, adoptando un estudio holístico que considera elementos estéticos, bioquímicos, psíquicos y espirituales interconectados. Adentra en las actuaciones rituales, interpretando creativamente las manifestaciones corporales y sus impactos terapéuticos. Este artículo comprende el cuerpo como agente de transformación, capaz de promover procesos terapéuticos integrales y renovar mentalidades personales. La fotografía inmortaliza la esencia única de los cuerpos en los actos de las actuaciones, ilustrando trazos de comportamientos renovados, incorporando herencias y circunstancias políticas y sociales.

Palabras clave: *cuerpo; fotografía; performance; proceso creativo; proceso terapéutico.*

Introdução

Este artigo resulta de uma pesquisa de pós-doutorado dedicada às expressões corporais em performances rituais afrorreferenciadas no candomblé da Bahia, desenvolvida no PPGAV¹ entre 2021 e 2024. Além disso, este texto busca homenagear o povo de santo² pela sua resistência e pela difusão da riqueza cultural presente na ancestralidade afrodescendente.

É necessário expressar nossa gratidão a todos os mestres das mais diversas culturas ao redor do mundo, que, por meio de suas práticas rituais tradicionais, dedicam suas vidas à sabedoria ancestral, contribuindo para o bem-estar social da humanidade e ao equilíbrio da natureza. Esses mestres ajudam e nos guiam em processos criativos e de cura holística, explorando o corpo como um todo, promovendo terapias que integram olhares inclusivos, envolvendo elementos estéticos, psíquicos, biológicos e espirituais.

Portanto, os corpos performáticos culturais não só podem ser veículos de inspiração para os processos criativos como desempenham um papel fundamental no processo de cura. Os humanos, em várias ocasiões, são vítimas de exclusão social, muitas vezes precisando de terapias holísticas, a partir da dimensão psicológica, possibilitando o equilíbrio dos corpos em sua totalidade. Destacamos a ideia de considerar o indivíduo por inteiro, contemplando não apenas os sintomas físicos, mas também os aspectos emocionais, mentais e espirituais.

Os corpos em cena, ricos em expressões e significados culturais, nos estimulam a explorar suas diversas linguagens gestuais ancestrais e se tornam veículos de transmissão de conhecimentos, curas e transformações. Ao buscarmos compreender a gestualidade como parte integrante da complexidade de um todo, estamos abrindo caminhos que podem também possibilitar a prática performática em ambientes que estejam em contato com a natureza e lugares em que se possa encontrar a essência da cultura popular³.

A partir dessa compreensão do corpo como veículo de saberes, buscamos *modus operandi* que transcendam os limites de uma pedagogia restrita à sala de aula. Essa abertura permite que os discentes desenvolvam pesquisas de campo em que a teoria se torna prática, possibilitando a observação direta da criatividade da natureza e o diálogo vivo com a herança de nossos ancestrais.

O corpo performático e a encruzilhada da cura: ritual, fotografia e a inteligência corporal

Reconhecemos que o processo terapêutico pode transcender o âmbito individual, tornando-se essencialmente coletivo, uma vez que o corpo cultural reflete e interage com o universo, absorvendo e manifestando influências ambientais, sociais e políticas. Sob uma perspectiva epistemológica que contempla o corpo físico-cultural em suas múltiplas dimensões, adotamos uma abordagem metodológica holística, que valoriza o processo ritualístico como elemento central na cura humana.

Nesse contexto, a fotografia desempenha um papel crucial, capturando a cinestesia⁴ única de cada corpo e imortalizando a complexidade e beleza dessa forma de arte multifacetada. A potência imagética da fotografia revela tanto os aspectos interiores quanto os exteriores do humano, contribuindo para a compreensão das dinâmicas entre corpo e universo.

Gardner (2001) destaca que a inteligência cinestésico-corporal é caracterizada pela habilidade de utilizar o corpo de forma altamente diferenciada e habilidosa, exemplificada nas performances do mímico Marcel Marceau (2003), nas quais, com um estudo sobre as técnicas, o artista explora a arte da comunicação não verbal e a relação entre corpo e expressão. Essa inteligência também abrange as habilidades motoras finas e amplas, facilitando a interação criativa com o ambiente.

O corpo é, assim, um elo entre o visível e o invisível, criando e recriando significados ancestrais por meio da performance. Durante o processo de pesquisa de campo, o acervo fotográfico se torna uma forma poderosa de observação e registro, culminando em uma tradução criativa na pós-produção das imagens, que podem ser admiradas mais para frente. Este trabalho entende a complexidade performática como um palimpsesto de saberes culturais e naturais, que dialogam com a pluralidade de significados incorporados no corpo.

Segundo Tavares (2020), as práticas performáticas são dinâmicas de inscrição no corpo, revelando uma grafia multifacetada de saberes oriundos de diferentes ordens epistemológicas. Elas integram conhecimentos históricos e saberes naturais, refletindo a interconexão entre cultura, corporeidade e ambiente. No conceito de encruzilhada, encontramos um espaço fértil para o trânsito de práticas inter e transculturais, no qual as trocas filosóficas e metafísicas promovem novas criações e transformações.

A encruzilhada, como ponto de confluência e divergência, é um campo dinâmico de tensões criativas, em que unidade e pluralidade coexistem. Mais do que um espaço físico ou simbólico, ela é uma matriz de sentidos, um laboratório de criação cultural. Nela, celebra-se a multiplicidade como força vital, promovendo diálogos que ampliam os horizontes epistemológicos e ontológicos.

Na performance ritual, o corpo transcende sua materialidade, tornando-se uma tela sagrada na qual gestos e energias ancestrais se conectam ao cosmos. Ondas sonoras e vocalizações ecoam histórias ancestrais, entrelaçando o passado com o presente e evocando uma dança cósmica. Nesse processo, o corpo cultural se reafirma como agente de cura, renovação e mudança para a pluralidade dos seres e suas interações com o mundo.

Esse mergulho no universo multifacetado das práticas performáticas contribui para a construção de espaços-laboratórios de cura e transformação, nos quais corpo, cultura e ambiente dialogam, gerando um legado de significados, experiências e conexões que transcendem o tempo.

Interação entre o processo criativo e o processo terapêutico no corpo em performance

A interação entre o processo criativo e terapêutico no corpo em performance é fascinante e multifacetada. A performance corporal em várias ocasiões envolve expressão emocional profunda. O ato de criar uma performance pode ser terapêutico, permitindo que o artista explore e processe emoções intensas. Da mesma forma, a manifestação dessas emoções durante a performance pode ter um efeito terapêutico, permitindo que o artista liberte e compartilhe sentimentos de uma maneira que pode ser curativa tanto para si quanto para o público.

Durante o processo de criação de uma performance, os artistas frequentemente exploram os limites físicos e expressivos de seus corpos. Essa exploração pode ser terapêutica, possibilitando que os artistas se reconectem com seus corpos, explorem sensações físicas e liberem tensões ou traumas corporais. Ao mesmo tempo, a performance em si pode ser uma forma de terapia corporal, permitindo que os artistas se movam e expressem seus corpos de maneiras que promovam a cura e o bem-estar físico.

Muitas performances corporais são baseadas em narrativas pessoais ou experiências de vida dos artistas. O processo de criação pode envolver a exploração e o processamento dessas experiências, tornando possível que os artistas compreendam melhor suas próprias histórias e identidades. Essa autoconsciência e autorreflexão podem ter efeitos terapêuticos significativos, ajudando os artistas a encontrar significado e resolução em suas experiências passadas.

A performance corporal cria oportunidades únicas para os artistas se conectarem com o público de uma forma íntima e visceral. O ato de compartilhar uma performance pode ser terapêutico tanto para os artistas quanto para o público, produzindo um espaço de comunhão e empatia em que experiências compartilhadas podem ser reconhecidas e validadas, sendo transformadoras para ambas as partes.

A performance ritual, os vibratos, os ritmos dos atabaques e as cadências criam um ritmo pulsante que ecoa os batimentos do coração da terra, enquanto os timbres distintos emergem como vozes de espíritos ancestrais, falando através do corpo dos performers. Cada movimento, cada gesto, é uma expressão de uma linguagem universal, uma comunicação direta com as forças cósmicas que permeiam o universo.

É importante lembrar também dos cheiros e aromas que permeiam o ambiente, infundindo-o com a essência das ervas e temperos sagrados. O ar se impregna com a química mágica dessas substâncias ancestrais, compondo uma atmosfera de transcendência. Nesse espaço ritualístico, o sagrado se manifesta em cada detalhe, convidando os participantes a mergulharem em uma experiência profunda de conexão espiritual e transformação pessoal.

Com a performance ritual, buscamos nutrir o espírito humano, incentivando-o a se engajar em práticas tradicionais. A performance, por sua natureza, incorpora uma rica tapeçaria de elementos provenientes de diversas culturas e campos do conhecimento, como artes cênicas, música, dança, tecnologia e ciências sociais, dentre outros. Essa abertura para a multiplicidade permite um diálogo fluido entre diferentes domínios, que ultrapassa as fronteiras disciplinares convencionais.

Ao adotar uma abordagem transdisciplinar, a performance se torna um espaço no qual o cognitivo se entrelaça com as dimensões espirituais que permeiam o indivíduo. Para Alcázar (2014), a performance pode ser considerada uma arte transdisciplinar que coloca no centro o indivíduo como criativo, também se conectando com vários campos e interagindo com outros sujeitos. Nesse contexto, reconhecemos a importância fundamental de compreender a linguagem do corpo no processo criativo, além de contemplar a vertente terapêutica da expressão artística, que inclui o componente estético.

Fortes (2023) analisa a transdisciplinaridade entre os campos do saber, destacando como as artes visuais podem enriquecer o ensino das ciências naturais. Conclui que integrar a sensibilidade artística ao ensino científico promove um mundo mais plural, no qual o respeito à alteridade e a colaboração entre disciplinas ocorrem de maneira mais íntegra, sem desconsiderar as complexidades específicas de cada área.

Deleuze (2001) diz que, anteriormente, o corpo era meramente uma extensão do espírito, uma coleção de ideias e impressões consideradas em seu processo de produção distinto. Agora, o corpo se torna o próprio sujeito, considerado na espontaneidade das relações que estabelece com as ideias, sob a influência dos princípios.

Todo conhecimento, em última instância, tem sua origem na experiência. Esta pode derivar tanto do externo, isto é, dos sentidos como a visão ou a audição, quanto do interno, através da experiência pessoal. A primeira está relacionada com a percepção direta do mundo ao nosso redor; já a segunda implica reflexão e análise de nossas próprias sensações, pensamentos e emoções.

Ambos os tipos de experiência são fundamentais para a aquisição e compreensão do conhecimento, pois nos fornecem informações sobre o mundo exterior e sobre nós mesmos, permitindo-nos construir uma compreensão mais completa e profunda da realidade. Dessa forma, a experiência, externa e interna, atua como a base sobre a qual todo o conhecimento humano é construído.

O organismo humano é configurado de modo a desencadear a paixão; ele exibe uma disposição específica e singular para cada paixão, como se fosse um “movimento interno primordial”, que conforme Espinosa (2015) não é apenas mecânico, mas uma afirmação constante de sua própria existência e potência. Isso é evidente também nas linguagens do corpo, que desempenham um papel fundamental na expressão e na compreensão da própria consciência identitária, contribuindo para uma vida equilibrada e satisfatória.

No entanto, pode-se objetar que nem todas as paixões se encaixam nessa categoria, uma vez que existem outras, como o orgulho e a humildade, o amor e o ódio, a alegria e a tristeza, e a atração entre os sexos, que não estão diretamente ligadas a uma disposição corporal específica. O papel da disposição corporal é, aqui, assumido por um objeto externo que desencadeará a paixão em circunstâncias naturalmente determinadas.

A performance como meio de integração holística e transdisciplinaridade na arte e na saúde

O objetivo central é promover um equilíbrio holístico – bio-psico-espiritual – no ser humano, reconhecendo-o como um todo integrado. Essa visão está alinhada à metafísica de Aristóteles, que aborda a substância primordial como núcleo das múltiplas manifestações do ser:

A multiplicidade de significados de “ser” refere-se à substância como o primeiro sentido: por sua vez, a diversidade de significados de “substância” remete à substância primordial (Aristóteles, 1994, p. 39, tradução nossa).

Esse entendimento requer considerar não apenas a funcionalidade e interconectividade dos órgãos físicos, mas também a harmonia entre mente, corpo e espírito. A performance surge, então, como uma prática que transcende o físico e atinge as dimensões psicológica e espiritual, oferecendo uma experiência integradora e nutritiva de todos os aspectos da existência humana.

Nas instituições de ensino artístico, é comum o foco em disciplinas tradicionais como pintura, escultura e gravura, o que muitas vezes exclui o diálogo com áreas como a saúde, essencial para alcançar uma visão mais abrangente do humano. Essa abordagem essencialmente disciplinar apresenta limitações, pois tende a ignorar as contribuições que outras áreas poderiam oferecer para resolver questões complexas ou criar soluções inovadoras.

Uma abordagem transdisciplinar, que reúne múltiplos campos do conhecimento, pode superar essas barreiras, como propõem Basarab Nicolescu (1996), Edgar Morin (2005a, 2005b), Patrick Paul (2013) e Galeffi (2026). A transdisciplinaridade integra diferentes disciplinas e saberes, como nas teorias de Tavares (2020), Richard Schechner (2008-2009), Leda Maria Martins (2021), Turner (1977), e de Diana Taylor e Marcela Fuentes (2011), permitindo uma compreensão mais ampla e colaborativa da complexidade humana.

Nesse modelo, a performance funciona como uma linguagem integradora que dialoga com artes cênicas, música, dança, tecnologia e ciências sociais, propiciando experiências criativas e interdisciplinares. Através dela, os participantes exploram questões profundas e desenvolvem novas formas de comunicação e colaboração, indo além dos limites das disciplinas isoladas.

Um exemplo significativo é o trabalho do artista visual e performer francês Olivier de Sagazan, nascido na República do Congo em 1959. Com formação em biologia, Sagazan migrou para a pintura e escultura, mantendo uma abordagem que questiona a natureza da vida orgânica. Sua obra mais icônica, *Transfiguração* (1998), já foi apresentada mais de 300 vezes em 25 países.

Na performance, Sagazan (Fig. 1) aplica argila em sua cabeça, obliterando sua identidade em um processo ritualístico e visceral que explora a transformação física e espiritual. O artista desintegra as camadas de sua face, assumindo formas híbridas que transitam entre o humano, o animal e o desconhecido. Essa desconstrução o conduz a uma introspecção profunda, confrontando a fragilidade da existência e a efemeridade da identidade.

Sagazan reflete sobre a banalização da vida: “Estou perplexo ao ver até que ponto as pessoas acham normal, ou até mesmo banal, estar vivo”. Sua performance desconstrói e redefine os limites da arte, da identidade e da existência, evocando uma autoconsciência libertadora e perturbadora. *Transfiguração* oferece uma experiência cativante e reflexiva, incentivando o espectador a questionar a própria essência do ser.

Essa abordagem reforça a importância de espaços transdisciplinares e rituais performáticos como laboratórios de integração, nos quais o corpo é tanto ferramenta quanto protagonista na busca por equilíbrio e transformação. Por meio dessas práticas, surge a possibilidade de construir experiências envolventes que ampliam horizontes epistemológicos e criativos, enriquecendo as interações humanas e as conexões com o mundo.



Figura 1. De Sagazan, *Transfiguration*, 1998. Fonte: <https://olivierdesagazan.com/performancetransfiguration>. Acesso em: 10 abr. 2026.

Também consideramos importante mencionar a exposição *Alágbedé*, na Caixa Cultural em Salvador, Bahia, que aconteceu de 20 de outubro a 3 de dezembro 2023, retrospectiva do artista-ferreiro afro-brasileiro José Adário dos Santos, mais conhecido como Zé Diabo. Visitamos sua oficina situada na Ladeira da Conceição da Praia, arco número 26, um lugar cheio de presenças mágicas materializadas nos objetos e obras de arte que simbolizam a ancestralidade dos orixás afrobrasileiros e seus mistérios. Com suas mãos, a ancestralidade e a forja, consegue moldar o ferro, transformando-o em esculturas sagradas (Fig. 2), destinadas ao desenvolvimento de rituais em culturas populares criadas no Brasil, com fundamentos procedentes da África Subsaariana, indígenas e islâmicas, entre outras, como o candomblé, e com o objetivo de reunir povos tradicionais em várias famílias espirituais (comunidades) reconstruídas em terra brasileira.



Figura 2. Caixa Cultural, Exposição *Alágbedé*, Salvador, Bahia, 2023. Fotografia de Alessandro Malpasso.

Portanto, um dos objetivos deste trabalho é também motivar docentes e discentes a desenvolver *modus vivendi* e *modus operandi* transdisciplinares que ampliem as possibilidades criativas e colaborativas com e além das disciplinas, incluindo todos os saberes tradicionais difundidos pelos mestres da cultura popular e comunidades, como práticas milenárias de libertação, considerando também um importante conceito da transdisciplinaridade, o do “terceiro incluído”, referindo-se a uma entidade ou dimensão que permite uma compreensão mais profunda e holística do problema em questão e que emerge da interação entre disciplinas, oferecendo percepções e soluções que não seriam possíveis de alcançar isoladamente.

Por outro lado, uma abordagem pedagógica transdisciplinar e holística, voltada para o desenvolvimento integral do indivíduo, procura capacitá-los a atuar como agentes de transformação nos âmbitos pessoal, social e ambiental. Também, a promover o crescimento completo da pessoa, em termos cognitivos e emocionais, incentivando a reflexão, a expressão verbal, os desejos e as ações, em experiências que permitam a compreensão de si mesmo.

A origem desse cenário provavelmente está na estrutura ultrapassada e desatualizada dos programas acadêmicos, que falham em incentivar educadores e estudantes a buscar crescimento, inovar e adotar abordagens criativas capazes de integrar diferentes áreas do conhecimento.

A aprendizagem holística no contexto da pedagogia da performance e da complexidade

A aprendizagem holística é uma abordagem educacional que busca integrar os aspectos cognitivos, emocionais, sociais, físicos e espirituais do indivíduo, reconhecendo a interconexão entre eles. Não se trata apenas de transmitir conteúdos ou habilidades isoladas, mas de cultivar uma visão integrada que prepare os indivíduos para navegar pelas incertezas e pluralidades do mundo, mantendo um equilíbrio entre o desenvolvimento pessoal, comunitário e planetário. Essa visão se alinha com a pedagogia da performance, com o pensamento rizomático de Deleuze e Guattari (1987), e com a teoria da complexidade de Edgar Morin (2005b), ao enfatizar a multiplicidade de dimensões envolvidas no processo de aprender e ensinar.

Torrens Otín (2007) destaca a performance como uma ferramenta pedagógica capaz de expandir os horizontes do ensino ao integrar elementos artísticos e experimentais que promovem reflexões críticas e transformações pessoais. O autor propõe uma abordagem que combina técnica e subjetividade, valorizando a autonomia do aprendiz e o diálogo como instrumentos fundamentais no processo educativo. Essa visão complementa a pedagogia rizomática e complexa, ao oferecer métodos práticos que abraçam a diversidade e a não linearidade da aprendizagem.

Para Deleuze e Guattari (1987), o rizoma é uma metáfora poderosa que questiona modelos hierárquicos e binários, propondo uma visão de conhecimento em que as conexões são múltiplas, heterogêneas e não lineares. Essa perspectiva dialoga com a pedagogia da performance ao mostrar a importância da experimentação, da criatividade e da fluidez nos processos educativos. Segundo os autores, a aprendizagem pode ser compreendida como um movimento rizomático, em que não há ponto fixo de partida ou chegada, mas sim um contínuo de interações e transformações, como se fosse um livro aberto com possibilidade de ser grafado por inúmeras e distintas manifestações corporais.

Por sua vez, Edgar Morin (2005b) contribui para essa discussão ao propor uma abordagem complexa para o entendimento dos fenômenos educativos. Sua visão destaca a necessidade de integrar saberes e reconhecer a interdependência entre os elementos que compõem o processo de aprendizagem holístico. A pedagogia da performance, nesse sentido, reflete os princípios da complexidade ao abraçar a incerteza, o imprevisível e a multidimensionalidade das relações humanas no espaço educacional.

A intersecção entre essas perspectivas filosóficas e epistemológicas, enriquecida pelas contribuições práticas de Torrens Otín (2007), permite reimaginar a educação como um campo performativo, rizomático e complexo. Não se trata apenas de transmitir conhecimentos ou habilidades, mas de criar condições para que sujeitos se conectem, reinventem-se e participem ativamente na construção de novos sentidos e novas possibilidades de processos criativos que podem ser desenvolvidos em ambientes que permitam o contato com a natureza que nos proporciona alimentos e elementos que nutrem e curam o corpo.

Com a performance ritual, buscamos “alimentar” o humano, motivando-o a desenvolver práticas tradicionais, levando em consideração a importante contribuição terapêutica da trilogia música, cantiga e dança, que, com o *hertz*⁵ e os canais energéticos do corpo, cooperam sinergicamente no processo terapêutico e criativo do artista que manifesta a arte da performance, sucessivamente, interpretada pelo olhar criativo do fotógrafo, que, observando a gestualidade do performer em sinergia com as próprias expressões corporais, cria imagens fotográficas, imortalizando os atos efêmeros. A pesquisadora Leda Maria Martins diz que o corpo é:

[...] também um tecido policromático, iluminado por cores quentes e cores frias, tons vibrantes intercalados ou sobrepostos a matizes suaves. [...] Aqui se incluem a especificidade das roupagens e dos panos brancos como base da espiritualidade, ou a tapeçaria multicolorida, os modelos diversos de saias, saiotes, anáguas, turbantes de vários estilos, brincos, braceletes, [...] colares, instrumentos amarrados às pernas e aos braços. [...] Um corpo que cose e emana aromas. Os sujeitos e as formas artísticas que daí emergem são tecidos de memória, escrevem história. Na performance ritual, o corpo tela arrebatada e dele emanam todos os elementos que o compõem e imantam, a coreografia dos movimentos, as ondas de sonoridade e de vocalidade, os vibratos, rítmicas e cadências, timbres, selos e sinetes, a composição do ar nos vóteios das silhuetas e figuras que relampejam, e também os cheiros, os aromas e a química sagrada das ervas e dos temperos (Martins, 2021, p. 107-108).

O corpo interpreta poeticamente os afrografismos como uma tela performática, que inclui matrizes cognitivas e alquimias ancestrais destinadas a rituais terapêuticos e culinários que incorporam uma estética. Essa abordagem sinergicamente envolve os sentidos olfativos, auditivos e visuais. O corpo-tela é, assim, formado pela absorção de elementos externos, tanto culturais quanto espirituais, e pelos componentes psíquicos e bioquímicos.

A dialética entre natureza, cultura e performatividade: reflexões sobre identidade, apropriação e ancestralidade

Deleuze (2001) argumenta que a natureza alcança seus objetivos por meio da cultura, sendo a história uma narrativa dos acontecimentos da natureza humana. Ele afirma que “natureza e cultura, portanto, formam um conjunto, um complexo” (Deleuze, 2001, p. 29). Contudo, as teses que ignoram a cultura oferecem uma visão distorcida da natureza, enquanto o esquecimento da natureza também altera a percepção da cultura. Esse entrelaçamento entre natureza e cultura se revela como um campo essencial de investigação, especialmente no diálogo com as artes visuais e outras formas de produção cultural tradicional, popular e científica.

Os mestres, através da alquimia de saberes, promovem uma visão ampliada sobre a natureza do universo, possibilitando a construção e a disseminação de conhecimentos. É essencial refletir sobre as experiências culturais de um indivíduo nativo e de um imigrante, questionando os fatores que influenciam suas vivências e identidades no corpo-tela performático ritual. A cultura, experienciada em diferentes territórios, adquire características únicas, influenciadas por crenças, arquétipos e normas, construídas nas interações sociais. Nesse contexto, a cultura atua como uma lente que integra elementos materiais, simbólicos e imaginários, moldando a forma como percebemos e interagimos com o mundo.

Todavia, é imperativo mencionar a questão da apropriação cultural, que ocorre quando elementos de uma cultura são utilizados de maneira descontextualizada ou sem o devido respeito. Diferentemente do que a prática sugere, a cultura não é uma mercadoria, mas um patrimônio coletivo. O capitalismo, entretanto, historicamente transformou aspectos da vida, como arte, saúde e educação, em mercadorias. Esse fenômeno também atingiu a cultura, promovendo a sua apropriação. Exemplos disso podem ser vistos em instituições como o Metropolitan Museum, o British Museum e o Museu do Quai Branly, que detêm acervos significativos de culturas originárias. Questiona-se se os povos responsáveis por essas obras foram tratados com respeito, se houve uma negociação justa ou se foram devidamente reconhecidos.

Além disso, os objetos culturais, muitas vezes, possuem funções terapêuticas e rituais, elevando o corpo e a alma a estados de equilíbrio. No Candomblé, por exemplo, práticas ancestrais combinam elementos da natureza, como folhas, ervas e sementes, promovendo uma medicina popular afro-brasileira baseada no respeito à natureza e à espiritualidade. Essa abordagem destaca a interseção entre estética, criatividade e processos de cura bio-psico-espirituais.

Alejandro Jodorowsky (2004) reforça essa visão ao explorar as quatro linguagens do corpo (pensamento, sentimento, desejo e necessidades) e sua integração no processo terapêutico e criativo. Ele sugere que a poesia e o ato performático podem desafiar os sistemas político, econômico e religioso impostos, promovendo uma reflexão sobre a realidade. Para o autor, a vida é ilógica e imprevisível, um contraste com a lógica que o humano almeja. Assim, a identidade humana manifesta-se por meio de máscaras performáticas, que variam de acordo com o contexto cultural e ancestral, enfrentando a realidade poética do efêmero e do imprevisto.

A compreensão da dialética entre natureza, cultura e performatividade permite não apenas refletir sobre as dinâmicas sociais e culturais contemporâneas, mas também resgatar a potência criativa e ancestral do humano. Essa visão integrativa convida ao questionamento e à ressignificação dos valores e significados que moldam nossa percepção do mundo e de nós mesmos.

A performance, a sincronicidade e a cosmologia bakongo: expressão, ritual e arquétipos na arte e na cultura

A noção de performance abrange uma ampla gama de contextos, sendo utilizada para avaliar o desempenho em diferentes domínios, como arte, esporte, negócios, tecnologia e aspectos pessoais. Diversas fontes literárias exploram o conceito de performance; neste trabalho, optamos por selecionar autores particularmente relevantes, já mencionados na introdução. De modo geral, performance refere-se à execução de uma ação, tarefa ou atividade com um nível específico de eficiência, habilidade ou excelência.

Neste estudo, o foco recai sobre a performance ritual, uma forma de expressão artística que combina elementos rituais e performances ao vivo. Esses rituais performáticos ocorrem frequentemente em contextos culturais, religiosos ou espirituais, nos quais as ações têm significado simbólico e são realizadas segundo protocolos ou tradições. Essas performances podem variar amplamente, desde cerimônias religiosas tradicionais até manifestações contemporâneas que incorporam elementos rituais para explorar questões sociais, políticas ou pessoais. Assim, a performance ritual torna-se uma fusão de práticas artísticas e ritualísticas ancestrais, com o objetivo de transmitir significados profundos e provocar experiências sensoriais e emocionais no público. Neste artigo, mostramos, como exemplos de performance ritual, uma imagem da Festa de Odé⁶ (Fig. 3), liderada pelo pai-de-santo Bira e realizada em Camaçari, Bahia, em 28 de janeiro de 2024, e da Festa de Olubajé⁷ (Fig. 4), no Ilé Axé Ijino Ilú Oróssi, que ocorreu em 18 de agosto de 2023 em Salvador.



Figura 3. Festa de Odé, Camaçari, Bahia, 2024. Fotografia de Alessandro Malpasso.



Figura 4. Festa de Olubajé, Salvador, Bahia, 2023. Fotografia de Alessandro Malpasso.

A linguagem do corpo desempenha um papel central tanto no processo criativo quanto no terapêutico, destacando-se como uma forma de expressão artística que envolve ações ao vivo. Um exemplo significativo é a fotoperformance, uma prática artística que combina performance ao vivo e fotografia, como mostramos na continuação. Trata-se de duas vivências dos estudantes de pós-graduação da Escola de Belas Artes da UFBA que se produziram no Mirante do Solar, Casa de Cultura e Ética⁸, na Ilha de Itaparica, Bahia, (Fig. 5), e, em sala de aula, na escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (Fig. 6). A disciplina chamada de Expressão Tridimensional II foi ministrada por Ricardo Barreto Biriba, docente da EBA, nesse período também supervisor de pós-doutorado de Alessandro Malpasso.



Figura 5. Registros da performance no Mirante do Solar, 2023. Fotografia de Alessandro Malpasso.



Figura 6. Registros da performance na EBA/UFBA, 2023. Fotografia de Alessandro Malpasso.

No campo criativo, a fotoperformance explora a corporeidade como meio de expressão; no âmbito terapêutico, a performance é vista como um processo que integra saúde holística, incluindo aspectos físicos, mentais e cognitivos.

O caráter “vivencial” que singulariza os processos de formação e formatação em arte manifesta-se como uma dimensão essencial que transcende a mera técnica ou instrumentalidade. Nesses processos, o vínculo que se constrói entre o sujeito performador e a matéria natural a ser modelada adquire um caráter direto, imediato e profundamente sensorial. Essa relação exclui, de forma deliberada, a mediação de interfaces virtuais ou digitais, valorizando a interação corpórea, tátil e intuitiva com os materiais.

Ao enfatizar essa conexão direta, o processo artístico resgata a percepção integral do ato de criação, em que o artista não apenas molda a matéria, mas também é moldado por ela em uma troca recíproca de energia e significado. A ausência de interfaces tecnológicas permite que

a experiência se ancore na autenticidade e na organicidade do contato, resgatando o caráter ancestral e humano do fazer artístico. Dessa maneira, o artista é chamado a explorar os limites de sua percepção, de sua sensibilidade e de sua capacidade de diálogo com a matéria, vivenciando plenamente o ato criador como um processo transformador, tanto no campo material quanto no subjetivo.

Patricia Leavy (2020) destaca que a performance pode ser uma ferramenta transformadora nas práticas de saúde holística, conectando-se diretamente com a psicologia e outras áreas voltadas para o bem-estar integral. Segundo a autora, abordagens baseadas em artes, como teatro, dança e música, são recursos poderosos para o autoconhecimento, a autoexpressão e a cura. Nesse sentido, a performance terapêutica transcende o ato de apresentar-se para um público externo, focando no indivíduo e no grupo como um espaço seguro para explorar emoções, desafios e traumas.

Em um momento de reflexão pessoal, uma fotografia antiga trouxe à tona lembranças que pareciam conectar o passado ao presente de maneira surpreendente. Detalhes da imagem, como expressões faciais, gestos, sombras e cores, integraram-se simbolicamente à contemporaneidade. Essa experiência evoca o conceito de sincronicidade, conforme descrito por Jung (2005): a ocorrência simultânea de eventos sem relação causal evidente, mas interligados por um significado profundo. Para Jung, sincronicidade é mais do que coincidência; é a manifestação de conexões significativas entre estados psíquicos e eventos externos.

Jung também introduz o conceito de inconsciente coletivo, uma estrutura psíquica compartilhada por todos os seres humanos, que abriga os arquétipos: imagens ou temas universais presentes em diferentes culturas e épocas. Exemplos incluem o arquétipo do herói ou o motivo das “duas mães”, que aparecem em mitologias e rituais ao redor do mundo. Jung (2000) também observa que esses temas frequentemente ultrapassam contextos culturais, manifestando-se em narrativas e símbolos que perduram ao longo do tempo, como no caso das tradições bantu-kongo.

As contribuições culturais e espirituais do povo bantu, em particular dos Bakongo, moldaram profundamente aspectos da cosmologia e da cultura brasileira. De acordo com Kaercher e Pereira (2023), as tradições bakongo encapsulam um rico universo simbólico, com influências que dialogam com arquétipos e narrativas universais, conectando passado, presente e futuro em expressões artísticas e espirituais atemporais.

Com a performance, mergulhamos nas profundezas do tempo e do espaço, explorando as conexões entre o passado e o presente através dos movimentos do corpo e das expressões da alma. Combinando elementos de dança, expressão facial e entonação vocal, nós, como um grande grupo, transcendemos as fronteiras do individual para nos conectarmos com algo maior: o legado do povo Bakongo, dentro do vasto panorama do grupo linguístico bantu.

A influência cultural bantu é fortemente presente na religião afro-brasileira do Candomblé Bantu, também conhecido como Candomblé de Angola ou Candomblé de Kongo-Angola, uma das maiores nações dentro do Candomblé. Os traços distintivos da cultura bantu, com suas tradições espirituais, rituais e crenças, permeiam profundamente as práticas e os rituais do Candomblé Bantu, enriquecendo-o com uma rica tapeçaria de simbolismo e significado. Essa tradição religiosa é uma expressão viva da continuidade histórica e cultural do povo Bakongo, que encontrou nas terras brasileiras um solo fértil para preservar e perpetuar suas tradições espirituais.

Os Bakongo, dentro do grupo linguístico bantu, são um exemplo marcante da riqueza da experiência humana. Originários de diversas regiões da África, essas sociedades compartilham não apenas uma língua comum, mas também laços profundos de história e tradição. Ao dançarmos e nos expressarmos, estamos honrando não apenas nossas próprias origens, mas também as de um povo cujo impacto ressoa através dos séculos.

Cada passo de dança, cada gesto, é uma homenagem aos ancestrais Bakongo, cujas vidas e legados moldaram o mundo em que vivemos hoje. Em nossas performances, não apenas recontamos suas histórias, mas também as recriamos, trazendo à vida os ritmos e os movimentos que ecoam através das eras.

Somos guardiões da tradição, portadores de uma herança que transcende as fronteiras do tempo e do espaço. Ao nos movermos em harmonia com o ritmo ancestral Bakongo, celebramos a continuidade da vida e a resiliência do espírito humano. Em cada momento, em cada movimento, somos testemunhas da eterna dança da existência, em que o passado e o presente se encontram e se fundem em um só.

A *Dikenga dia Kongo*, ou cosmograma Bakongo, é um símbolo e uma representação gráfica da cosmovisão dos povos Bakongo da África Central, e é uma manifestação visual complexa que encapsula as crenças, valores e princípios fundamentais da tradição espiritual Bakongo. Composto por quatro partes principais, cada uma representando um aspecto fundamental da existência humana e do universo, segundo a perspectiva Bakongo. Fu-Kiau (2001), a respeito da *Dikenga dia Kongo*, informa:

[...] o Kongo considera as primeiras instruções e princípios-chave [n'kingu miangudi] para a vida, é preciso se concentrar em quatro principais ou essenciais *Vees*. Cada um dos principais *Vees* corresponde a um ponto específico de demarcação no cosmograma do Kongo [*dikenga dia Kongo*] e sua cor simbólica. Estes pontos de demarcação são: *Musoni* (ponto de demarcação amarelo), *Kala* (ponto de demarcação preto), *Tukula* (demarcação vermelha ponto) e *Luvemba* (ponto de demarcação branco). Além disso, estes pontos de demarcação, no pensamento Bantu-Kongo, são os quatro maiores “sóis” de toda a formação dos processos de mudança. O primeiro (sol de *Musoni*) é o sol de a “ordem para iniciar/avançar” [*Iutumu Lwa mvangumunu*] para todos os começos; o segundo (sol *Kala*) é o sol de todos os nascimentos; o terceiro (*Tukula* sol) é o sol da maturidade, liderança e criatividade; o quarto (sol de *Luvemba*) é o sol do último e a maior mudança de todas, a morte (Fu-Kiau, 2001, p. 136, tradução nossa).

Na Figura 7 se encontra a *Dikenga dia Kongo*, de relevante importância na cultura e espiritualidade dos povos Bakongo, e que Fu-Kiau (2001) descreve, na continuação:

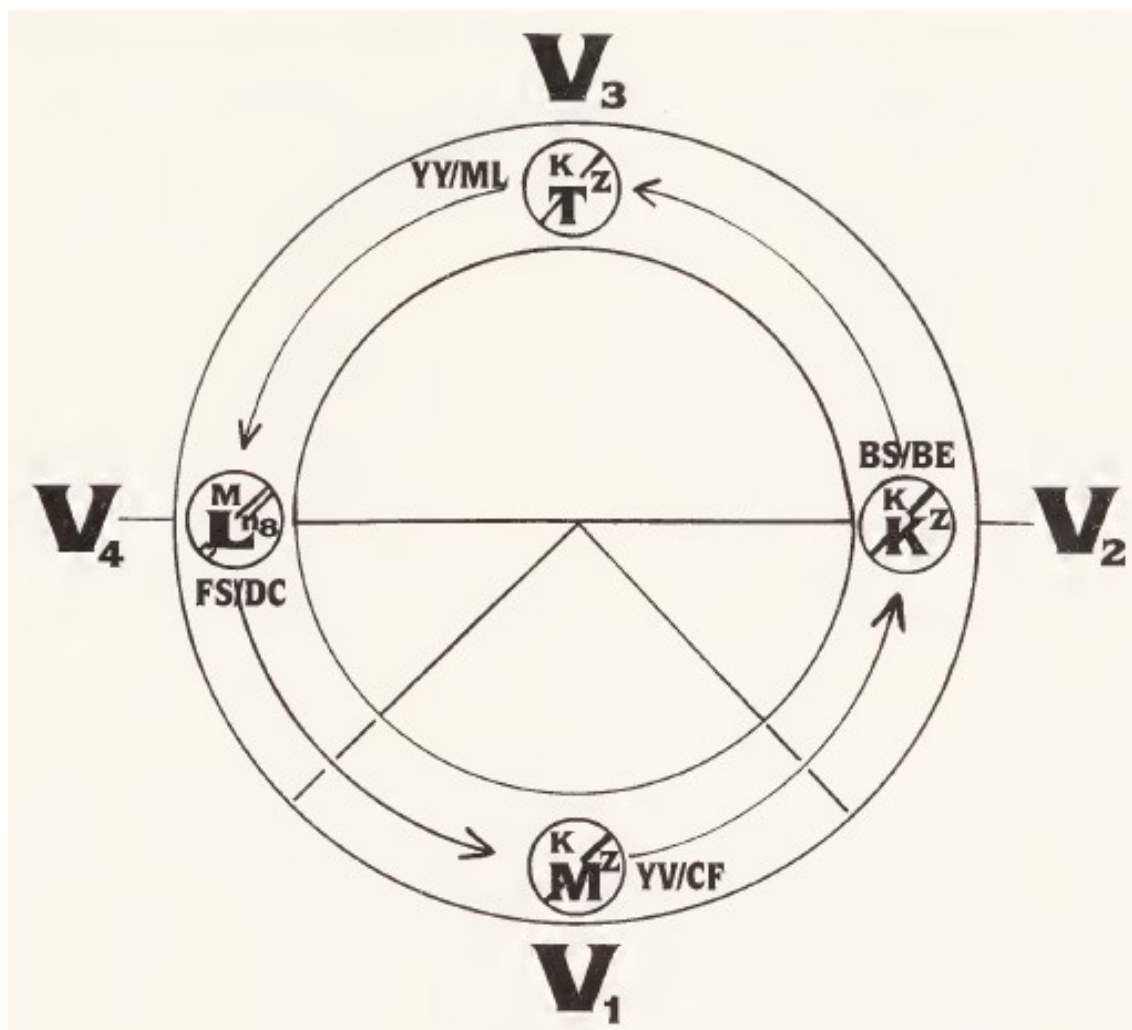


Figura 7. *Dikenga dia Kongo*. Fonte: Fu-Kiau, 2001, p. 137.

1. O primeiro, V1, é chamado *Vangama*, especialmente no local/instituição inicial [Kanga ou Kongo]. É o estágio do processo de forma da vida ou estágio de *Musoni*. [...] 2. O segundo, "V2", é conhecido como *Vaika*. É o "V" que representa o estágio de existência da vida ou estágio *kala*; ser, existir, subir. Este "V" é a porta para o mundo físico. Sob este "V", "coisas" nascem, sobem para o mundo superior [*ku Nseke*] como sóis "vivos" na comunidade, biologicamente ou ideologicamente, têm seu nascimento neste estágio sob o sol de *Kala*. A função de *Vaika* do ambiente interno para o externo é realizada sob a ação de nascimento [*butuka*]. [...] 3. O terceiro "V", V3, é chamado *Vanga*, derivado da palavra arcaica *ghanga* para executar, para fazer. Este "V", o mais crucial na vida, representa o estágio de criatividade e grandes feitos ou estágio *tukula* do verbo raiz *kula*, para amadurecer, para dominar. [...] 4. O último ou quarto "V", V4, é *Vunda*. Este "V" representa o estágio da maior mudança de todas as mudanças, a morte. Este estágio é conhecido como estágio de *Luvemba*.

Sob este estágio, a pessoa entra natural ou anormalmente no processo de morrer ou *Vunda*, ou seja, para descansar, para extinguir, deixar o mundo físico, para reentrar no mundo da energia viva, que é o mundo espiritual, o mundo dos ancestrais. Está indo em férias [*Kwenda ku mvundulu*]. No processo, a pessoa se torna um *n'Kuyu*, o que significa um ancestral feio, imaturo, raquítico [*Kuya*], ou, o ancestral espiritualmente deificado [*Mukulu/n'Kulu*]. A função *Vunda* é completada (Fu-KiaU, 2001, p. 137-141, tradução nossa).

O *Dikenga dia Kongo* é composto por quatro partes principais, cada uma representando um aspecto fundamental da existência humana e do universo, segundo a perspectiva bakongo. Essas partes incluem: o ponto central, representa a divindade suprema, *Nzambi Mpungu*, ou o Deus Criador, que é a fonte de toda a vida e existência; os quatro braços radiantes, simbolizam os quatro pontos cardeais, representando a totalidade do universo e a conexão entre o divino e o terreno. Cada um desses braços é associado a qualidades e atributos específicos. A linha vertical divide o cosmograma em dois hemisférios, representando a dualidade e a complementaridade dos opostos na vida e na natureza. O círculo exterior representa a continuidade e o ciclo eterno da vida, bem como a comunidade e a interconexão entre todos os seres.

Kaercher e Pereira (2023) concebem uma performance que transcende o tempo, tecendo uma narrativa que entrelaça o passado e o presente através da linguagem corporal. Cada movimento de dança, cada expressão facial, cada inflexão de voz ecoa a história ancestral, fundindo-se com o momento presente. A palavra falada, além de carregar significados, ressoa como uma expressão divina, conectando-nos com as profundezas da existência.

Ao nos movermos pelo espaço, dançamos não apenas para nós mesmos, mas em comunhão com o passado e com aqueles que vieram antes de nós. Cada gesto é uma homenagem aos nossos antepassados, uma celebração da vida que continua a pulsar em nós. Os corpos são vasos de memória, carregando consigo as histórias e os ensinamentos dos ancestrais.

Com os passos, traçamos um caminho que ultrapassa as fronteiras do tempo, trazendo à tona a essência imutável da humanidade. Somos viajantes entre épocas, costurando uma tapeçaria de experiências que reverberam através dos séculos. Em cada ida e volta, exploramos as nuances da harmonia entre o passado e o presente, revelando a beleza da continuidade e a riqueza da herança que carregamos.

Nossa performance desafia as noções convencionais de tempo, transformando o palco em um portal para as memórias vivas do passado. Em nossos movimentos, encontramos uma ressonância que vencem as barreiras do tempo, convidando o público a se perder nas histórias que contamos e nas emoções que evocamos. Assim, damos vida às lembranças, honrando aqueles que vieram antes de nós e celebrando a eterna dança da existência.

A arte performática e a construção do real: perspectivas de Jodorowsky, Taylor, Fuentes e outros pesquisadores

Taylor e Fuentes (2011) ressaltam que a performance possui a capacidade única de deixar “vestígios de um ato real”, conforme observado por Jodorowsky. Essa observação destaca a força transformadora do meio performático, que transcende a mera encenação ao engajar-se profundamente com o real. Em contextos artísticos, sociais e culturais, a performance transforma espaços públicos em cenários temporários em que atos simbólicos interagem diretamente com o público, criando uma atmosfera que desafia e ressignifica o cotidiano.

Além disso, os autores argumentam que manifestações como a dança, rituais e esportes superam o papel de simples entretenimento para transmitir mensagens complexas e significados profundos. Essas formas de performance são regidas por comportamentos predefinidos, orientados por normas e regras culturais ou sociais. Contudo, o ato de questionar ou desafiar essas normas é muitas vezes intrínseco à performance, que funciona como uma ferramenta crítica para explorar limites e subverter convenções.

A performance também se apresenta como uma abordagem metodológica eficaz para interpretar eventos sociais e culturais. Comportamentos associados à cidadania, identidade de gênero, etnia e sexualidade podem ser compreendidos como performances diárias. Nesse contexto, os indivíduos representam papéis, seguem roteiros sociais estabelecidos e, consequentemente, reproduzem normas culturais. Essas performances cotidianas não apenas refletem, mas moldam as dinâmicas sociais, ao mesmo tempo em que oferecem oportunidades para questionar e ressignificar essas estruturas.

Richard Schechner (2008/2009) amplia essa visão ao argumentar que a performance é simultaneamente “real” e “construída”. Essa dualidade implica que mesmo atos que parecem espontâneos e improvisados frequentemente envolvem pesquisa, coleta de materiais e experimentação, elementos essenciais do processo criativo. Portanto, a performance combina aspectos históricos e culturais diversos, preservando-os como uma unidade coerente que desafia as percepções tradicionais sobre realidade e representação.

Victor Turner (1977) contribui para esse debate ao sugerir que as performances são expressões simbólicas universais que mostram os aspectos mais profundos e genuínos de uma cultura. Segundo Turner, a performance serve como um meio de comunicação intercultural, permitindo que diferentes povos compartilhem valores, significados e perspectivas subjacentes à diversidade cultural. Para Turner, a performance não só destaca diferenças, mas também enfatiza semelhanças e conexões entre culturas, promovendo um entendimento mútuo através da linguagem simbólica universal.

O processo criativo na arte performática pode ser estruturado em etapas distintas, que integram aspectos culturais, terapêuticos e artísticos:

Inspiração Cultural – a performance frequentemente emerge de uma imersão nas tradições e práticas culturais, que fornecem uma rica fonte de significados e símbolos.

Terapia Corporal – a linguagem do corpo desempenha um papel central como veículo de expressão e cura, permitindo que emoções sejam exploradas e processadas em um contexto seguro.

Laboratórios Criativos – esses espaços experimentais facilitam a criação de performances rituais terapêuticas, nas quais a prática artística se funde com intenções terapêuticas para promover transformação pessoal e coletiva.

Criação de Imagens Fotográficas – a fotoperformance, como prática artística híbrida, documenta e expande o alcance da performance, eternizando momentos significativos e conectando-os com novos públicos.

Em última análise, a performance é um campo fértil para explorar a interseção entre realidade, representação e significado. Seja no palco, em rituais ou em manifestações cotidianas, a performance torna possível que indivíduos reflitam sobre a própria natureza da existência, desafiem normas sociais e experimentem novas formas de ser. Como dito por Taylor e Fuentes (2011), a performance é uma arte que se move entre o concreto e o simbólico, oferecendo *insights* sobre as complexidades da experiência humana e da cultura global.

Conclusões

O corpo performático cultural emerge como uma fonte rica e dinâmica de inspiração para a criação artística, destacando-se como um catalisador essencial no processo criativo. Através da análise da gestualidade complexa do corpo, somos conduzidos a um estudo holístico que transcende as fronteiras disciplinares, considerando elementos estéticos, bioquímicos, psíquicos e espirituais, e reconhecendo a intrincada interconexão entre eles.

A pesquisa realizada permitiu uma imersão nas profundezas da performance ritual, oferecendo *insights* criativos sobre a manifestação do corpo e o impacto terapêutico que essa manifestação pode provocar. Essa abordagem revela o potencial do corpo como um agente de transformação, capaz de promover processos terapêuticos integrais e de renovar a mentalidade pessoal.

Também, a análise fotográfica expressa a capacidade da imagem de capturar a essência única do corpo no momento da performance, documentando traços de subjetividades dos comportamentos renovados, incorporando influências derivadas de circunstâncias sociais nas comunidades. Essas fotografias não apenas testemunham a expressão artística, mas funcionam como artefatos visuais que perpetuam a memória da performance, permitindo sua apreciação e reflexão contínua.

As novas ideias e abordagens possibilitam o estudo da neurociência da performance, explorando os mecanismos neurobiológicos subjacentes à experiência da performance cultural, investigando como o cérebro processa e responde aos estímulos sensoriais e emocionais durante uma performance artística. A abordagem intercultural da performance permite investigar como diferentes

culturas influenciam e moldam as práticas de performance, examinando as semelhanças e diferenças na gestualidade, rituais e significados atribuídos ao corpo em contextos culturais diversos.

Tecnologia e performance viabilizam explorar o papel da tecnologia na ampliação das possibilidades expressivas do corpo performático, investigando como as mídias e ferramentas digitais podem ser integradas às práticas de performance para criar experiências multissensoriais e imersivas. Ao experimentar com essas tecnologias, os artistas podem expandir os limites da expressão artística, criando experiências sensoriais e emocionais mais envolventes e inovadoras para eles e também para o público-alvo.

A interação entre performance e saúde mental possibilita investigar os efeitos terapêuticos da participação em práticas de laboratórios de performance cultural, avaliando como a expressão artística do corpo pode contribuir para o bem-estar emocional, a autoexpressão, a resiliência e a superação psicológica, mostrando o poder transformador da arte. Essas novas perspectivas e áreas de pesquisa podem enriquecer ainda mais nossa compreensão do corpo performático cultural e sua importância na sociedade contemporânea, oferecendo *insights* inovadores e contribuindo para o desenvolvimento de abordagens mais holísticas e integrativas na prática artística e terapêutica.

REFERÊNCIAS

- ALCÁZAR, Josefina. **Performance, un arte del yo**: autobiografía, cuerpo e identidad. Ciudad de México: Siglo XXI, 2014.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Introducción, traducción y notas de Tomás Calvo Martínez. Madrid: Editorial Gredos, 1994.
- DELEUZE, Gilles. **Empirismo e subjetividade**: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2001.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **A Thousand Plateaus**: Capitalism and Schizophrenia. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987.
- DE SAGAZAN, Olivier. Transfiguration. **Olivier de Sagazan**, 1998. Disponível em: <https://olivierdesagazan.com/performance/transfiguration>. Acesso em: 10 abr. 2026.
- ESPINOSA, Benedictus de. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- FORTES, Hugo. Lições da Evolução: uma abordagem transdisciplinar a partir da arte. **Educação & Realidade**, v. 48, e123782, 2023.
- FU-KIAU, Kimbwandende Kia Bunseki. **African Cosmology of the Bântu-Kôngo**: Tying the Spiritual Knot Principles of Life and Living. New York: Athelia Henrietta Press, 2001.
- GALEFFI, Dante Augusto. **Recriação do educar**: epistemologia do educar transdisciplinar. Salvador: Quarteto, 2026.
- GARDNER, Howard. **Estructuras de la mente**. La Teoría de Las Inteligencias Múltiples. Santafé de Bogotá: Fondo de Cultura Económica, 2001.
- JODOROWSKY, Alejandro. **Psicomagia**. Madrid: Ediciones Siruela, 2004.
- JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- JUNG, Carl Gustav. **Sincronicidade**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- KAERCHER, Gladis Elise Pereira da Silva; PEREIRA, Gabriel Fortes. Performance e Ancestralidade: o que a cosmologia bakongo ensina sobre a infância negra brasileira? **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v. 13, n. 1, e124023, 2023.
- LEAVY, Patricia. **Methods Meets Art**: Arts-Based Research Practice. New York: The Guilford Press, 2020.
- MARCEAU, Marcel. **The Silent Language of Mime**. New York: Random House, 2003.
- MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005a.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005b.

NICOLESCU, Basarab. **La transdisciplinariedad**. Manifiesto. Hermosillo: Multiversidad Mundo Real Edgar Morin, 1996.

PAUL, Patrick. **Saúde e transdisciplinaridade**: a importância da subjetividade nos cuidados médicos. São Paulo: Edusp, 2013.

SCHECHNER, Richard. A Ritual Seminar Transcribed. **Interval(le)s**, v. II, n. 2/v. III, n. 1, p. 775-793, Fall 2008/Winter 2009.

TAYLOR, Diana; FUENTES, Marcela. **Estudios avanzados de performance**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2011.

TAVARES, Julio Cesar. **Gramática das corporeidades afrodiaspóricas**: perspectivas etnográficas. Curitiba: Appris, 2020.

TORRENS OTÍN, Valentín. **Pedagogía de La Performance**: Programa de Cursos y Talleres. Huesca: Diputación Provincial de Huesca, 2007.

TURNER, Victor. **The Ritual Process**. Structure and Anti-Structure. New York: Cornell University Press, 1977.



Este trabalho está disponível sob a Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

NOTAS

-
- 1 Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFBA, sob supervisão do Prof. Dr. Ricardo Barreto Biriba.
 - 2 Popularmente, no Brasil chama-se de povo de santo os seguidores de religiões afrodescendentes.
 - 3 Os lugares da cultura popular são espaços físicos ou simbólicos em que se manifestam tradições, práticas e expressões culturais ligadas ao cotidiano e às raízes ancestrais das comunidades. Esses locais podem incluir feiras, mercados, festas, terreiros, praças, rodas de conversa e até ambientes digitais, entre outros, dependendo do contexto.
 - 4 A cinestesia é uma área da ciência que estuda o movimento humano, analisado por meio de componentes como o esquema corporal, o equilíbrio, o espaço e o tempo. O termo tem origem no grego *κίνησις* (*kínēsis*), que significa “movimento”, e *αἴσθησις* (*aísthēsis*), que significa “sensação”. Etimologicamente, pode ser traduzido como “sensação ou percepção do movimento”, referindo-se aos sinais sensoriais que são transmitidos continuamente de todas as partes do corpo para o sistema nervoso central. Essa disciplina abrange dois tipos principais de sensibilidade: 1) sensibilidade visceral ou interoceptiva, relacionada aos sinais internos provenientes dos órgãos; 2) sensibilidade postural ou proprioceptiva, originada nas articulações e músculos, que são as fontes das sensações cinestésicas. A função dessas sensibilidades é regular o equilíbrio e as sinergias, ou seja, as ações voluntárias coordenadas necessárias para qualquer movimento ou deslocamento do corpo.
 - 5 Unidade de frequência (Hz).
 - 6 Odé, também conhecido como Oxóssi, é uma das divindades mais importantes no panteão yoruba, e conseqüentemente, no Candomblé. Ele é considerado o orixá da caça, mas seu simbolismo vai muito além dessa atividade. Suas principais ferramentas são o arco e a flecha, representando a precisão, a força e a capacidade de alcançar metas. Ele é associado à floresta, um lugar sagrado e misterioso onde habita a natureza. É considerado o protetor dos animais, especialmente das aves. Odé também está ligado à justiça, já que se diz que ele pune aqueles que fazem o mal. Seu culto é uma expressão da profunda relação entre os seres humanos e o mundo natural.
 - 7 O Olubajé é uma celebração anual de grande importância no Candomblé, dedicada ao orixá Obaluaiê. Essa festa, rica em simbolismo e tradição, tem como objetivo homenagear o orixá da cura e da doença, agradecendo por suas bênçãos e pedindo proteção contra as adversidades. A palavra Olubajé tem origem iorubá e significa *Olú*, aquele que; *Ba*, aceita; *Je*, comer. Ou seja, é um banquete em que se aceita comer em honra a Obaluaiê. Essa festa está associada a um itã (mito) no qual todos os orixás se reúnem para fazer as pazes com Obaluaiê, após um episódio em que ele foi zombado por Xangô. O Olubajé vai além de uma simples festa. É um momento de conexão espiritual com Obaluaiê, em que fiéis renovam sua fé e pedem bênçãos para si e para seus familiares. A celebração também serve para fortalecer os laços comunitários e transmitir os conhecimentos e tradições do Candomblé para as novas gerações.
 - 8 Excelente espaço arquitetônico integrado com a natureza ideado pelo arquiteto e filósofo Prof. Dr. Pasqualino Romano Magnavita. Possui uma galeria de arte com o propósito de promover artistas locais, além de laboratórios performáticos, exibição de filmes, documentários e atrações musicais.